

PONTO FRACO

Dramaturgia Luiz Antonio Ribeiro

(em processo colaborativo com Elsa Romero, Diana Herzog,
Julia Bernat, Larissa Siqueira da Cunha e Leandro Romano)

*“De degrau em degrau
vamos descendo até o grunhido.”*

José Saramago

Ouve-se uma música. É uma valsa que, apesar do gênero, soa intencionalmente mecânica e eletrônica. As atrizes estão de costas, sentadas em três cubos enquanto a plateia entra no teatro. Todos – atrizes e público – observam através da contra-luz azul, baixa, o restante do cenário. Tratam-se de três tabladros pretos, um maior ao centro e dois, menores, ao lado. Esses tabladros, espécies de praticáveis, estão juntos, encostados no fundo da cena. No maior deles está um pedestal com o um microfone. A música, que até então permanecia em loop para a entrada da platéia, entra em um novo movimento. As luzes se acendem e as atrizes viram para o público. Juntas, vão dizer agora as regras do jogo. Elsa, Julia e Lara tentam explicar o espetáculo Ponto Fraco.

Elsa - "Ponto Fraco" é uma peça, mas é também um jogo. E como um jogo, tem regras.

Lara - Uma delas é que esses cubos e aqueles tabladros são espaços de ficção. Então tudo que é dito em cima deles é mentira e tudo que é dito fora deles é verdade.

Julia - É, mas também as coisas podem ser mentira e não ser ficção. Ou ser verdade e não ser real.

Lara - Bom, vamos lá. O objetivo do jogo é saber quando estamos falando a verdade e quando estamos falando mentira.

Elsa - O objetivo é descobrir quem é o assassino.

Julia - O objetivo do jogo é fazer o máximo de amizade possível pra não ser mandado para o paredão.

Elsa - O objetivo do jogo é conquistar a Ásia e a Oceania ou 24 territórios a sua escolha.

As atrizes se entreolham.

Lara - Bom, então acho que é isso. Entendido? Vamos lá. Valendo!

As atrizes correm até o fundo da cena. Lara chega primeiro, as duas parecem se chatear com isso. Lara ri. Nesse instante, toca-se para uma música eletrônica com ritmo quebrado e vários sons de rua, pessoas, carros, animais. As luzes começam a piscar. Lara fala ao microfone, mas o barulho quase abafa sua voz. Está aflita, se esforçando para dizer o que precisa, mas parece haver uma grande dificuldade na ação. No decorrer da cena, Julia e Elsa tentam se falar no celular, caminham pela cena e buscam manter algum tipo de contato ou diálogo, mas a confusão da cena mais do que permitir o diálogo impede qualquer tipo de encontro entre elas que, entre as palavras, trombam.

Lara - Eu estou na rua. Olhando pra frente, seguindo, andando. Se parasse um segundo e olhasse em volta ia ver

centenas de mim na mesma situação. É carro, muito carro passando, parando, correndo. É ônibus fazendo barulho. Muita coisa em volta, todo mundo falando ao mesmo tempo. É tudo gigante e o céu está pequeno, mas aqui de longe parece muito azul. Só que eu estou andando e vejo só um pouco de cada coisa: um mendigo, um vendedor, um cachorro, e vou passando. E pessoas, quinze, vinte, trinta passam em segundos. Aí eu percebo que eu desvio. Que os outros estão vindo na minha direção e eu preciso me esforçar para não trombar, para não invadir o espaço delas e tentar manter o meu. Vejo que preciso defender meu território. Resolvo, então, como teste, não desviar mais para ver se os outros desviam. Nada, tromba um, tromba dois, tromba três...se eu deixar trombam dez, vinte, trinta pessoas em segundos em segundo. É quase, quase a encenação do caos. Ninguém pede desculpas e é assim mesmo que as coisas são. Aí eu olho para a pessoa. Encaro enquanto ela está longe, faço cara de mal de como quem diz: “desvia que eu vou reto”. De repente, ela vê alguma coisa, se distrai, vira a cabeça e vem de encontro. Ninguém entende o olhar. Por fim, eu percebo que só eu estou desviando e que se tudo vai bem é porque eu estou fazendo esse esforço. Eu, de certa forma, estou mantendo o equilíbrio da cidade. É como se eu tivesse que subir uma montanha e escalar pedra por pedra com o cuidado de que cada uma pode me derrubar e puft lá embaixo....morri. Então desviar é se manter vivo. Eu desvio e ando desviando, mas quero andar, parar de trombar. Gostaria de falar: “desvia, amigo!”, “Moça, desvia de mim!” ou então, “Vamos desviar juntos?” Como ninguém desvia, eu resolvo chegar onde tenho que chegar. Acelero meu passo e vou... Esse é o desvio.

A música para, assim como o piscar das luzes. Silêncio. Acende-se uma luz no proscênio para onde se dirige Elsa que, sentada em um cubo, conta sua história.

Elsa - Eu fui atriz. Há muito tempo atrás. Eu decidi ser atriz com 13 anos, no final do meu primeiro curso de teatro. Foi logo depois da minha primeira peça que eu percebi que tinha que fazer isso da vida. Eu gostava do frio na barriga que dava ver um teatro cheio de gente, esperando tudo começar. Na platéia estava sempre o meu pai, orgulhoso, meio bobo. É que isso era na época em que éramos só eu e ele. O que eu costumava dizer é que a gente cresce, descobre novos lugares e muda de direção. E eu tava completamente sem rumo na época que desisti. É mais fácil dizer que a gente muda de gosto. E assunto encerrado, ninguém pergunta mais nada. Nem eu mesma me perguntei por anos. Quatro anos. Quatro anos, mais três faculdades diferentes, duas delas interrompidas, nunca concluídas. A verdade é que não foi o gosto que mudou. É que começou a doer. Talvez a obrigação ficou pesada demais, tirou o prazer. Talvez minha autocrítica ficou forte demais. E o que antes era um jogo, uma brincadeira, ficou difícil, desgastante. Nunca mais consegui me sentir a vontade e eu fui me tolindo aos poucos, até que não consegui mais respirar. E eu comecei a ter um sonho repetitivo, que eu estava em cena e que eu perdia a voz, articulava mas não conseguia emitir nenhum som. Aí eu queria gritar, mas só conseguia falar pra dentro. Assim parei. Deixei de ser. Fiquei sem vontade de nada. Ou qualquer coisa. Não quis mais assistir peças nem estudar teatro. Fui fazer cinema. Me formei. Mas o vazio continuou lá, eu sem impulso de nada. Sem paixão. Até que veio a cenografia e achei um jeito de estar em cena, mesmo sem voz.

Enquanto a história era contada, as demais atrizes reorganizavam os tablados do fundo da cena. O que antes era compacto, agrupado, agora está disperso. Os tablados estão separados: um a esquerda, o maior no centro e o outro mais a direita. Os dois outros cubos são colocados em cima dos tablados ao lado. Julia e Lara se preparam para a próxima cena. Sentam nos cubos. Lara pega um cone de trânsito. Julia parece com medo. Ao fim da história, as luzes mudam, assim como a expressão de Elsa, que se levanta, se dirige ao tablado do fundo e, de maneira sensual, solta o cabelo e diz no microfone:

Elsa - Eu vou cantar pra vocês uma música que eu adoro.

Julia - Tem certeza?

Elsa - Tenho, qual o problema?

Julia - É que sei lá, cantar assim do nada?

Elsa - Que que tem?

Julia - Sei lá. Pode atrapalhar o andamento da peça.

Elsa - Ah, não atrapalha não.

Pausa.

Elsa - Você me acompanha?

Julia - Você quer que eu cante também?

Elsa - Pode acompanhar só com o violão.

Julia - Está bem.

Julia levanta, pega um violão, fica ao lado de Elsa.

Julia - Como você sabe que eu sei tocar violão?

Pausa. Elsa não responde, está se preparando pra cantar. Julia toca alguns acordes.

Elsa - Estranho isso, né?

Julia continua a tocar. Elsa não canta. Julia olha para Elsa. Elsa não canta.

Julia - Que houve?

Elsa - Como é mesmo?

Julia - Vou te ajudar, eu conto até três e você canta.

Julia toca o violão.

Julia - 1... 2... 3...

Elsa pega o violão e sai. Escuridão. Vinheta musical. Quando a luz se acende, estamos no ponto em que paramos na cena anterior: Lara à esquerda com o cone e Julia, agora ao centro, com cara de espanto, quase medo. Lara fala utilizando o cone como uma espécie de megafone. Tem a voz metálica, mecânica como a de uma atendente eletrônica ao telefone ou uma tradução do Google Tradutor. Julia, ao contrário, fala teatralmente, melodramaticamente e se afeta com as palavras que recebe de Lara. O jogo teatral se dá, apesar do desacerto.

Lara - Você não deve entrar naquela sala.

Julia - Não devo?

Lara - Não.

Julia - E por que não?

Lara - Você não vai gostar do que você vai ver.

Julia - Desde quando você sabe o que eu vou gostar e o que não vou?

Lara - Não estou dizendo nada disso, só estou querendo te poupar de um sofrimento.

Julia - Você está me deixando curiosa. Agora, mesmo não podendo e não devendo, eu preciso saber o que tem atrás daquela porta.

Lara - Não estou dizendo que você não deve querer entrar, nem que vai acontecer alguma coisa se você entrar. Se quiser, tenta a sorte e entra. Só digo uma coisa: você não vai gostar do que vai ver.

Julia - Mas nós já entramos tantas vezes lá dentro. Lembra de quando brincávamos lá? Era o melhor cômodo, ficava sempre vazio e entrávamos pra construir o que quiséssemos. Fazíamos escolas, piscinas, shoppings, casas de boneca...

Cada coisa gigante, feito com aquela pecinha, como é mesmo o nome? Lego... Isso, Lego! Lembra uma casa de boneca que começava no chão e ia tomando as paredes, as portas, as janelas? A sala inteira virava casa. Até que percebíamos que nós estávamos dentro da casa de boneca. Aquela última que fizemos ainda está lá?

Lara - Está.

Julia - Era tão bonita.

Lara - Nós virávamos bonecos.

Julia - Você não pode me dizer o que tem lá dentro?

Lara - Você precisa ver com seus próprios olhos.

Julia - Mas eu não vou gostar.

Lara - Não, não vai.

Julia - A casa ainda está lá dentro?

Lara - A casa ainda está lá dentro.

Julia - E aí?

Lara - E aí é isso.

Pausa.

Julia - A casa mudou? Despencou? Não podemos mais reformar a casa, não temos mais as pecinhas. Quando venta ou chove algumas perdem a cor, ficam foscas, amareladas, ou então caem no chão. Deve estar desmontando tudo. É isso, não é? (*pausa*) Deve ser. Uma casa de boneca não pode ser feia. Casa de boneca feia é coisa de pesadelo, de monstro. É assustador. Todo mundo sonha com casa de bonecas destruída. Com menina é sempre isso: temos que gostar de boneca, daí elas ficam velhas e feias... Mas espera, nós ficávamos dentro daquela sala, dentro da casinha, então éramos também bonecas. E éramos também monstro.

Pausa.

Lara - Olha, eu não falei nada disso.

Julia - Como não? Falou sim... Está tudo na cara agora. Eu posso ver.

Lara - Acho que você está viajando.

Julia - Está tudo perdido.

Lara - Mulher é foda.

Julia - Nosso tempo já se foi, temos agora que ter filhas e pensar no futuro delas.

Lara (*com raiva*) - Ah!

Julia (*assustando-se*) - Ah!

Lara - Eu só falei pra não entrar na maldita sala.

Julia - Então me diz o que é que tem lá dentro?

Lara - Não.

Julia - Mas é pra eu entrar ou não é?

Lara - Não.

Julia - Mas eu só vou saber entrando.

Lara - Então entra, caralho, porra, buceta, porra, caralho, porra, porra. (*parece que a gravação agarrou, repete maquinalmente os palavrões*) Porra, caralho, porra, cacete, cacete, cacete, porra...

Depois de um longo tempo de palavrões, Lara para de usar o cone e olha para Julia com cara de constrangida. Julia ri do descontrole de Lara. Breve momento de relação entre as duas e a platéia através desse olhar.

Lara - Chega uma hora na vida de uma pessoa que ela precisa tomar uma decisão. Ela precisa olhar para o alto, olhar para o chão, olhar para o mundo, para as pessoas e para as todas as oportunidades e em uma frase decidir o que quer da vida.

Julia - Eu quero ser menino.

Lara - "Sem saber que era impossível, ele foi lá e fez". "Seja você mesmo", "Acredite nos seus sonhos". Estamos cheios desses provérbios que insistem em falar dessas coisas. Então, mesmo que nossa decisão seja absurda, porque não?

Julia - Eu quero ser menino.

Lara - Então, é isso... Eu decido que quero ser menino. Fácil! Corto o cabelo curto, as roupas largadas, soltas. Eu quero ser menino, e mais, quero ser igual o meu irmão. Jogar bola, andar de skate, subir em árvore, correr pra lá e pra cá, tacar caroço de fruta na cabeça de velhinha... Não gosto de menina, não gosto de brincar de menina. Frescas, elas são frescas.

Julia - Eu nunca contei essa história.

Lara - Frescas, sabe?

Julia - Só resolvi contar essa história porque um amigo foi lá em casa e queria saber quem era eu nas fotos da minha família.

Lara - Tem umas que...

Julia - Eu era igual meu irmão.

Lara - Que...

Julia - Parecíamos gêmeos.

Lara - É...

Julia - Univitelínos.

Lara - Psssiu!

Julia - Desculpe.

Lara - Minha mãe é psicóloga e meu pai é psiquiatra. Achavam que eu tava curtindo meu momento, me descobrindo.

Julia - "Deixa ela descobrir o que quer..."

Lara - Quero ser menino.

Julia - "É só uma fase que passa..."

Lara - Um dia eu estava na piscina do clube só com a parte de baixo do biquini, claro! Era uma calcinha assim, tipo um sunquini, sabe? Grandinha... Quando vejo umas meninas olhando pra mim.

Julia - Hihihhi.

Lara - Ah..como menina é idiota! Me deixa, por isso eu não gosto de menina.

Julia - Hihihhi.

Lara - Saco.

Julia - Hihihhi. Essa sou eu tentando mostrar o que elas faziam, sabe? Elas me olhavam e cochichavam. Apontavam pra mim e faziam um grande: Hihihhi.

Lara - Sentei numa cadeira e fiquei na minha, mas elas não desistiram e vieram na minha direção. Era olhar no olhar, aquela caminhada de mulher, quadril pra lá, quadril pra cá. Música romântica.

Julia - Hihihhi. Oooooooooo!

Lara - *(imita um menino)* Oi!

Julia - Tudo beeeeeeeem? Hihihhi!

Lara - Tudo.

Julia - Você é bonito! Qual o seu nome?

Longa pausa.

Lara - Isadora.

Julia - Aaaaaaah, é uma menina! Aaaaaah, é uma menina! Hihihhi!

Lara - Foi aí...

Julia - Que eu...

Lara - Percebi...

Julia - Que eu...

Lara - Não queria...

Julia - Ser menino.

Lara - Queria ser menina, porque...

Julia - Porque eu não gostava de meninas.

Lara - Eu gostava de meninos...

Julia - Tanto que queria ser um deles.

Lara - Eu era menina.

Julia - Daí eu botei brinco...

Lara - Saia...

Julia - Usei a parte de cima do biquini.

Lara - Mas as fotos estão lá... Comigo menino...

Julia - E eu era um menino bonito...

Lara - As meninas chegaram em mim...

Julia - Elas quiseram o meu eu-menino.

Lara - Elas foram meio gays por um dia...

Julia - E eu fui... E vou... E sou um menino-menina.

Lara - Eu trouxe aqui uma foto pra mostrar...

Julia - Vou pegar pra vocês...

As duas ameaçam sair para pegar a foto, mas quando estão no meio do caminho Elsa entra, se dirige ao tablado do

fundo e, de maneira sensual, solta o cabelo e fala ao microfone.

Elsa - Eu vou cantar pra vocês uma música que eu adoro.

Julia - Tem certeza?

Elsa - Tenho, qual o problema?

Julia - É que sei lá, cantar assim do nada?

Elsa - Que que tem?

Julia - Sei lá. Pode atrapalhar o andamento da peça.

Elsa - Ah, não atrapalha não.

Pausa.

Elsa - Você me acompanha?

Julia - Você quer que eu cante também?

Elsa - Pode acompanhar só com o violão.

Julia - Está bem.

Julia levanta, pega um violão, fica ao lado de Elsa.

Julia - Como você sabe que eu sei tocar violão?

Pausa. Elsa não responde, está se preparando pra cantar. Julia toca alguns acordes.

Elsa - Estranho isso, né?

Julia continua a tocar. Elsa não canta. Julia olha para Elsa. Elsa não canta.

Julia - Que houve?

Elsa - Como é mesmo?

Julia - Vou te ajudar, eu conto até três e você canta.

Julia toca o violão.

Julia - 1... 2... 3...

Elsa pega o violão e sai. Escuridão. Vinheta musical. Quando a luz se acende, está novamente Lara no tablado da esquerda sentada no cubo com o cone na mão e Julia no tablado do meio anda de um lado para o outro, parece aflita, assustada, quase com medo.

Lara - Para.

Julia - Não dá.

Lara - Por quê?

Julia - Não consigo. É mais forte que eu.

Lara - Está preocupada?

Julia - É o código.

Lara - Você precisa relaxar. Dá uma lida no jornal.

Julia - Tá.

Um jornal é arremessado no meio do palco. Luz geral. Julia vai até ao centro do palco e lê uma notícia. Ao descer do tablado sua forma de interpretação, antes melodramática, se transforma em corriqueira e cotidiana. Lê.

Julia - Pronto. Li. Relaxei.

Julia volta para o tablado e recomeça o andar.

Lara - Por que você não entra lá logo?

Julia - Ah e você acha que é assim? Aaaaaah...

Lara - Que isso?

Julia - Isso o que?

Lara - Que você disse.

Julia - Eu suspirei.

Lara - Ah.

Julia - Isso.

Lara - Isso o que?

Julia - Isso que eu fiz: ahh...

Lara - Ahh... Entendi.

Pausa.

Lara - E você vai?

Julia - Acho que vou, né? É... Vou.

Lara - Então vai.

Julia - É que eu preciso estar preparada. Será que eu estou preparada? Porque se eu não estiver preparada... Tem gente que entra cedo demais e não aproveita, tem gente que entra tarde demais e... Bom, é tarde demais. Eu tenho que entrar na hora certa, estar atenta pra isso.

Lara - O que você está falando?

Julia - Que tudo tem sua hora.

Lara - Esse provérbio é bom, né? "Tudo tem sua hora."

Julia - É...

Lara - É...

Pausa.

Julia - Não vou entrar.

Lara - Não?

Julia - É tarde demais. A gente está aqui falando e falando, o tempo passou.

Lara - Que tempo? Que tarde?

Julia - Pois é... Isso que eu pergunto. Que tempo? Que tarde? Se eu soubesse eu entrava, mas eu nem sei.

Lara - Lá dentro pode ter a saída de tudo.

Julia - HAHAHA!

Lara - Que foi?

Julia - Eu vou entrar pra descobrir a saída!

Lara - É verdade. HAHAHA!

Julia - HAHAHA!

Lara começa a rir descontroladamente ainda se utilizando do cone. No início Julia acompanha a risada, mas depois começa a ficar um pouco constrangida com o excesso da outra. Lara ri de forma mecânica e de maneiras diferentes, quase sempre repetindo a risada, alternando tons agudos, graves e ininterruptos. Após um longo tempo, algo como pouco mais de um minuto de risada, Lara interrompe-se.

Lara - Calma, então você vai entrar?

Julia - Acho que não.

Lara - Então acho que não tem saída.

Julia - É... Acho que não.

Ouve-se uma música. É um tanto quanto lenta. Lara pega o microfone com pedestal e vai até o tablado do centro,

enquanto isso Julia e Elsa reorganizam novamente o cenário, tornando ainda mais espalhado e caótico os espaços ditos de ficção. As luzes piscam.

Lara - Eu estou na rua. Vejo um cachorro caído, sangrando, sofrendo. Uma perna quebrada, pendurada, a cabeça baixa de como quem acaba de voltar de um desmaio ou de quem se prepara pra morrer. Um cachorro é sempre uma coisa bonita, porque faz a gente lembrar daqueles sentimentos humanos mais raros. O cachorro está ali e um cachorro não é só um cachorro. Cada cachorro representa a história dos cachorros, desde Tin Tin, Lassie, Cão das Lágrimas, Rabugento, Astro, Pluto, Scooby-Doo, Costelinha, Pateta, Beethoven, Floquinho, Otto, Snoopie, Odie, Coragem, Bandit, Ajudante de Papai Noel, Bidu, Spike, Muttley... Enfim, eles são todos os cachorros da nossa vida, cada bêbado merece um cachorro e talvez cada pessoa tenha um cachorro pra si no mundo, só precisa encontra-lo. O cachorro caído, sangrando, está parado e eu estou passando. Tenho duas coisas que posso fazer: ou paro e ajudo o cachorro ou sigo reto. Se eu parar e ajuda-lo, vou ter que interromper meu caminho, perder tempo pra leva-lo a um veterinário, vou gastar dinheiro ajudando-o e provavelmente vou ficar com ele pra mim, como minha companhia. Se eu passo direto minha consciência vai pesar por saber que aquele cachorro não vai durar muito. Vou ser uma assassina ou pelo menos a cúmplice de um assassinato. E a cabeça oscila entre essas duas possibilidades e eu fico na rabeira: cão ou não, eis a... Decido não pegar o cão, passar direto. Deixa ele lá, a vida realmente não é justa e meu tempo é curto. Talvez tão curto quanto a vida daquele cão. Faço um desvio, pego uma tangente, viro uma esquina e o pobre do cachorro caído, sangrando e sofrendo some da minha visão. Não posso ajudar: já tenho um cachorro chamado Pepe que é um pouco mimado e ia morrer de ciúmes. Vou andando, mas não esqueço daquele cachorro. Entre as duas opções eu escolhi a pior, mas será que não havia outra? Entre ajudar o bichano e abandona-lo pra morte existe um milhão de alternativas, mas eu reduzi aquele universo de possibilidades em duas: sim e não. E escolhi não. A verdade é que a escolha já estava feita e o que fiz foi funcionar como uma espécie de boa consciência do tipo: "pelo menos eu reparei no cachorro e ele não vai morrer sem ter recebido ao menos uma última atenção." Fui... Fui embora, mas não me sai da cabeça que eu poderia ter feito outra coisa... Outra coisa que não fosse ajudar o cachorro.

A música para e as luzes se acendem. Pode-se ver o palco por completo agora. Os tabladados, completamente espalhados, fragmentaram a unicidade inicial. Não se pode mais encontrar pontos em que ficção e realidade estão delineados. Julia, sozinha em cena, utiliza-se de todo o palco.

Julia - Eu estava ali deitada no asfalto segurando uma flor, uma rosa. Era meio dia e um ônibus passava ao lado. Pessoas desciam e eu continuava ali. Entregue como uma cereja de bolo. Eu perdi minhas chaves. Será que alguém viu? Alguém pegou por acaso? Uma velhinha catava milho de pombos. Uma criança em ziguezague. Amanhã é aniversário da minha mãe. Eu podia dar pra ela essa rosa como prova de compaixão, carinho, afeto, desilusão. Amor de verdade é quase raro. Demanda tempo, dinheiro, felicidade. Um cachorro num trono. Eu estava ali deitada no asfalto, segurando uma rosa...Era muito pensamento junto. Ela queria parar. Ela queria não paralisar. Ela começou a andar em círculos. Um imã sugava ela pro centro. Ela não percebia, mas estava andando em círculos. Um menino soltava pipa e ela queria essa sensação. Queria saber como seria ser um menino e soltar pipa na calçada. Mas era muita coisa. A sensação de não dar conta, de não conseguir dar conta, de deixar tudo inacabado, flutuando com uma gororoba cor de burro quando foge. Ela estava no ponto de ônibus e nenhum ônibus parava pra ela. Só paravam pros outros. Muito barulho de freio, de buzina, de gente. Gente demais. Eu acho que eu tô ficando sufocada, eu não tô conseguindo respirar, meu nariz tá entupido, eu tô com sinusite alérgica, rinite, otite, conjuntivite. Eu tô querendo tirar a roupa. Eu tô suando, suando muito. Eu tô histérica, cansada, irritada, eu estou tô dentro de uma máquina de lavar e toda a sujeira da roupa suja está ficando infiltrada na minha pele. Tá demais pra mim. Vamos pra próxima cena?

Música alegre. Elsa entra com um carrinho de compras dourado repleto de maçãs. Elsa, Julia e Lara sentam cada uma em um tablado. Elsa ao centro, Lara à esquerda e Julia à direita. Elsa joga uma maçã para cada uma, ambas vermelhas. Pega uma para si, verde. Elsa fala como se conversasse descontraidamente com duas amigas.

Elsa - É... Então, vocês não sabem, eu morava com meu pai, porque minha mãe foi morar na Espanha. Logo depois ele conheceu minha madrastra. E foi bem rápido que ela mudou pra lá e eu não consegui me dar muito bem ela. Madrastra, né? Ela era uma pessoa muito difícil, dura, organizada, cheia de razão, muito vaidosa. Era muito bonita, mas era muito vaidosa e a gente brigava muito. O nome dela é Ella. É...Ella com dois Ls. Teve até um

dia que ela chegou assim e falou: “Você acha que vai separar seu pai de mim?”. Um outro dia a gente brigou e foi muito bizarro. Meu pai tinha viajado e ela me expulsou de casa. Eu saí por aí completamente perdida. Eu fiquei puta com meu pai. Como assim ele tinha viajado? E aí eu conheci um menino que morava numa república e fui pra lá. Ele me ofereceu abrigo na república, mas ele morava com outros...seis meninos. Achei meio estranho, né? Eu e sete meninos, ainda mais sendo expulsa de casa, não é a situação mais agradável, mas eles eram muito legais. O problema é que eles faziam muita zona, eu tinha que arrumar tudo. Eu tava morando de favor, então sobrava pra mim as coisas...tipo, sei lá, lavar louça, cozinhar, era tudo eu e tal. Mas era bem divertido. Meu pai quando ficou sabendo da história, ficou muito constrangido. E aí a minha madrastra querida me chamou pra ir jantar, pra fazer as pazes e num sei o quê. Ai eu fui jantar na casa dele. Cara, quando voltei pra república, eu tava passando muito mal, vomitando horrores. Os meninos disseram: “você tem que ir pro hospital agora, tá vomitando, num para de vomitar, você tem que ir pro hospital”. A gente foi pro hospital, ai fui atendida, por um médico muito bonito. *(risos)* Aí, foi tudo bem, deu tudo certo assim...

Julia - *(de boca cheia enquanto comem maçã)* - O que você teve?

Elsa - Eu tive... É... Como fala? Não é infecção...

Lara - Intoxicação alimentar.

Elsa - Intoxicação alimentar!

Julia - Você acha que foi?

Elsa - Acho que ela botou alguma coisa, porque só eu tive, meu pai não teve nada, ela não teve. Eu tive intoxicação alimentar, com certeza deve ser...ou foi mau olhado, alguma coisa assim, uma energia bizarra. Mas aí foi muito bom, porque eu conheci esse médico, a gente começou a sair e a gente tá junto até hoje. No fundo ela me fez bem, né?

Julia - Mas e a mãe?

Elsa - A mãe do médico?

Lara - Perdão, a mulher.

Elsa - Meu pai acabou separando dela.

Lara - Você sabe alguma coisa dela assim?

Elsa - Eu não quis acusar que ela me intoxicou, porque tipo, já me dei mal, já fui expulsa uma vez, já me intoxicou, eu não quis acusar. Eu falei com meu pai e ele aí, enfim, terminou com ela. Ele expulsou ela de casa e ela tirou tudo que era dela. E ele fala merda dela até hoje. Ele nunca mais conheceu uma mulher. Ele tem 60 anos.

A frase “Ele tem 60 anos” fica ecoando por alguns segundos com algum estranhamento. Uma pequena pausa se dá, as atrizes se entreolham. Pouco depois, as luzes mudam, assim como a expressão de Elsa, que se levanta, se dirige ao tablado do fundo e, de maneira sensual, solta o cabelo e fala ao microfone.

Elsa - Eu vou cantar pra vocês uma música que eu adoro.

Julia - Tem certeza?

Elsa - Tenho, qual o problema?

Julia - É que sei lá, cantar assim do nada?

Elsa - Que que tem?

Julia - Sei lá. Pode atrapalhar o andamento da peça.

Elsa - Ah, não atrapalha não.

Pausa.

Elsa - Você me acompanha?

Julia - Você quer que eu cante também?

Elsa - Pode acompanhar só com o violão.

Julia - Está bem.

Julia levanta, pega um violão, fica ao lado de Elsa.

Julia - Como você sabe que eu sei tocar violão?

Pausa. Elsa não responde, está se preparando pra cantar. Julia toca alguns acordes.

Elsa - Estranho isso, né?

Julia continua a tocar. Elsa não canta. Julia olha para Elsa. Elsa não canta.

Julia - Que houve?

Elsa - Como é mesmo?

Julia - Vou te ajudar, eu conto até três e você canta.

Julia começa a tocar uma música.

Elsa - Julia, o que você está fazendo?

Julia - Ué, Elsa, eu estou tocando.

Elsa - Mas não é para tocar esta música.

Julia - Claro que é, Elsa. Foi a única que a gente ensaiou. A gente ensaia e toca na peça.

Elsa - Não, Julia, ficou combinando que a gente não ia tocar essa música.

Julia - Po, mas vai ser engraçado cantar. Acho que o povo vai curtir, vai rir e tal.

Elsa - Claro que não, Julia. Não tem o menor sentido cantar essa música. A gente está falando de um monte de coisa séria: desvio, ficção, fragilidade, daí você canta uma música dessa?

Julia - Ah, é meio que um desvio que a gente faz, uma brincadeira.

Elsa - Eu acho que não tem nada a ver.

Julia - Pensa bem, tem todo o sentido. Eu juro que vai ser engraçado.

Elsa - Não vai ser engraçado.

As duas vêm até a boca da cena. As luzes se desfazem, agora tudo está aceso.

Julia - Sabe qual é o seu problema?

Elsa - Qual é o meu problema?

Julia - O seu problema é que você quer arrumar sentido em tudo.

Lara - Ei, gente! O que está acontecendo aí?

Elsa - A Julia quer cantar aquela música do ensaio.

Lara - O que tem?

Elsa - O que tem é que não tem nada a ver. É uma brincadeira, bobeira, a gente está falando de um monte de coisas sérias aqui.

Lara - Deixa ela cantar.

Julia - É, não tem nada demais.

Elsa - Mas é que não faz sentido nenhum.

Julia e Elsa começam a se exaltar, falam alto, discutem.

Lara - Ei, ei... Me escuta! E que tal se a gente colocasse essa discussão em cena? Hein?! A gente pega essa discussão e coloca antes da Julia cantar. Assim fica explicado o porque dessa música ser cantada e fica fazendo sentido na peça. A gente, por um desvio, consegue colocar a música.

Elsa - Sabia... Vocês arrumam sentido para tudo.

Lara - Você acha que faz sentido?

Elsa - Agora faz.

Lara - Você é a favor?

Elsa - Não.

Julia - Bom, então vamos lá.

Luz de show: contraluz no fundo, com um foco somente em Julia. Lara e Elsa sentam para escutar. Julia senta em um dos cubos que está em cima do tablado.

Julia - Eu queria dedicar essa música a uma pessoa muito especial, que foi muito importante para que eu cantasse aqui hoje. Elsa Romero, essa música é para você.

Elsa se levanta e sai irritada, Lara vai atrás. Julia solta o cabelo e, sensualmente, diz no microfone.

Julia - Eu vou cantar pra vocês uma música que eu adoro.

Elsa (em off) - INVEJOSA!

Julia toca "Tremendo Vacilão" de Mãozinha, C. Telles e S. Marques, cuja versão mais conhecida é de Perlla:

Na madrugada
Abandonada
E não atende o celular
Tirando onda
Cheio de marra
Achando que eu vou perdoar
Pra mim já chega
Eu tô bolada
Agora quem não quer sou eu
Não te dou bola
Senta e chora
Porque você já me perdeu
Deu mole pra caramba
É um tremendo vacilão
Tá todo arrependido
Vai comer na minha mão
Pensou que era o cara
Mas não é bem assim
Agora baba bobo
Vai correr atrás de mim

Julia - Muito obrigada. Muito obrigada!

Sai.

Julia (em off) - Viu, Elsa! Eu falei que ia ser engraçado!

Lara entra com um bolo. Coloca em cima de um cubo. Olha um bocado envergonhada para a platéia.

Lara - Bom, gente! Hoje é o aniversário de uma pessoal muito especial no processo da montagem da nossa peça, então a gente queria cantar Parabéns para ela e agradecer por tudo que ela fez. Meninas, entrem!

Elsa e Julia entram. Enquanto cantam, cada uma olha para um lugar diferente da plateia. A luz que estava somente no palco agora está também no público.

Parabéns pra você

Nesta data querida

Muitas felicidades

Muitos anos de vida!

Lara apaga a vela, as meninas saem.

Lara - Sempre me orgulhei de nunca ter roubado nada, nem balinha das Lojas Americanas. Mas existem coisas que a gente acaba roubando sem querer. Certa vez eu estava numa festa e eu não conhecia absolutamente ninguém. O que a gente faz quando está sozinha numa festa? Bebe, né?, pra tentar se enturmar. Bebi, bebi, bebi, fiquei muito bêbada. Em determinado momento da noite chegou o bolo de aniversário, lindo, enorme, daqueles cobertos de glacê, sabe? Não sei o que deu em mim. Resolvi fazer uma brincadeira com os convidados. Disse assim: "Que bolo lindo, gente! Vou levar pra casa!". Como ninguém me dava atenção, continuei a falar que ia levar o bolo pra casa. E ninguém acreditou em mim, claro.

Lara desce do palco e vai passando pelo corredor da plateia como se o público fosse os presentes na festa. A luz do palco se apaga e acende luz de serviço.

Lara - Então resolvi sustentar a piada. "Olha, gente, vou levar o bolo pra casa, hein? Vou levar!". Era uma brincadeira, era pra ser uma piada mas como ninguém entendeu teve que virar verdade. Aí resolvi pegar o bolo. Levantei de onde estava, fui numa reta simples, atravessei a sala, tinha gente por toda parte. Uma festa normal. Coloquei minhas mãos por baixo do prato do bolo e antes de levantá-lo da mesa, olhei pra todos que estavam em volta e ainda disse: "Oh! Vou levar o bolo pra mim!". Foi como eu não tivesse dito nada, ninguém nem deu uma risadinha. Então dei continuidade a ação e com o bolo assim nas mãos, fui andando pela festa em direção à porta. Depois atravessei o quintal que também estava cheio de pessoas para as quais também fiz a mesma piadinha, alguns viraram o pescoço, mas de fato ninguém achou nenhuma graça e assim fui levando a piada até que cheguei do lado de fora do portão e...TÁXI!

Lara sai pelos fundos do palco. A luz de serviço se apaga e o palco fica novamente iluminado. Entram Elsa e Julia. Elsa coloca dois cubos um sobre o outro como se fosse um púlpito, Julia senta em um tablado com o outro cubo à sua frente.

Elsa - Inquirido disse: que no dia de hoje, por volta das 20hs, a declarante se encontrava caminhando na Avenida Pasteur, próximo a esquina com a rua Lauro Muller, juntamente com quatro amigos. Que seus amigos se chamavam Ana Cecilia, Fabio, Paula e Isadora.

Julia - A declarante informa que por volta do ano de 2003, enquanto estudava cinema na UFF...

Elsa - Que neste momento se encontrava falando no celular quando foi abordada por dois homens em uma moto...

Julia - Que era por volta das 16hs, que era verão e que a temperatura era de aproximadamente 35 graus Celsius...

Elsa - Que não sabe descrever quem conduzia a moto nem o veículo, somente o assaltante que a abordou...

Julia - Que estava no Campus do Graguatá e que se dirigia ao Campus do IACS, abre parênteses, campus de cinema da UFF, fecha parênteses, que não sabe definir exatamente o nome da rua, porém garante ser capaz de encontrá-la no Google Maps...

Elsa - Que era magro, de cor parda....

Julia - Que devido ao calor e à sede, decidiu comprar um Guaraviton...

Elsa - Que media aproximadamente 1,70 de altura, com cabelo raspado...

Julia - Que portava uma mochila contendo mp3, celular, material de aula e carteira com muito dinheiro...

Elsa - Que este assaltante estava com uma pistola prateada...

Julia - Que andava, escutava mp3 e bebia seu Guaraviton, que foi repentinamente abordada por uma mulher de estatura mediana, levemente acima do peso - ou gravida, não se sabe ao certo- pele morena e cabelo curto bem encaracolado...

Elsa - Que o assaltante que desceu da moto exigiu que ela lhe entregasse as duas bolsas que conduzia bem como as suas amigas Anna Cecilia e Paula...

Julia - Aí ela olhou pra mim e disse...

Elsa - Passa o Guaraviton!

Julia - Que isso?

Elsa - Que proferiram palavras do tipo...

Julia - Passa a bolsa, eu vou atirar!

Elsa - Ahn?

Julia - Aí eu olhei pra ela e ela não tinha nada. Aí eu disse: Não, não vou passar o Guaraviton, é meu. E continuei andando...

Elsa - O cara tava com uma arma apontada pra mim. Eu passei uma bolsa e tentei esconder a outra....

Julia - Aí vieram...agora eu não sei porque já faz um tempo, dois ou três caras altos e fortes. Eles me cercaram e disseram...

Elsa - Você vai passar esse Guaraviton!

Julia - Tá, né?!

Elsa - Eu não queria dar a minha bolsa, eu tava com a minha carteira azul com florzinha estapada, um livro da biblioteca, o celular não... o celular eu consegui não sei como colocar na minha calcinha...

Julia - Na hora eu entrei em pânico. Pensei: eles vão roubar meu mp3, meu celular, ...

Elsa - Ele gritou:

Julia - Passa a outra bolsa!

Elsa - Eu ainda tentei pegar a identidade, mas eles saíram com a moto, muito rapido...

Julia - Eu passei o mp3 e eles disseram...

Elsa - Vaza, vaza, vaza, vaza...

Julia - Só isso?

Elsa - Ahn?

Julia - Agora eu não consigo mais andar na rua comendo amendoim...

Elsa - Falando no celular...

Julia - Tomando um Guaraviton...

Elsa - Ouvindo iPod...

Julia - No máximo uma bala Halls assim no canto da boca...

Lara entra comendo um pedaço de bolo e entrega para Julia que sai comendo também. Traz também uma carta que entrega para Elsa. Elsa lê a carta em espanhol, língua que já não se recorda faz tempo, está saudosa e emocionada, mas apesar disso vê-se somente lampejos de emoção. Enquanto isso, Lara tenta traduzir para o português lendo-a mecanicamente e quando possível tentando se envolver, apesar da dificuldade com a língua.

Lara - Querida Elsa. Como vão as coisas por aí? Eu estou agora olhando uma foto sua. É uma foto aqui em Valência, com você sentada em um banco, acho que na última vez que nos vimos. Você tá com uma calça azul escura, uma blusa branca e um casaco bem clarinho. E como sempre as pernas tortas como você sempre fez e eu sempre briguei pra te corrigir. Seu olhar, cabisbaixo, meio tímido é a primeira coisa que lembro. *(pausa)* Você ainda tem ele? Acho que não, a gente perde essas coisas, né? Bom, desculpa a demora pra te responder, mas é que o tempo passa demais, os meses correm e a gente vai ficando preso em não sei o quê. *(pausa)* Eu entro de férias na semana que vem, daí vou poder descansar, mas resolvi te escrever agora, cansada, porque assim é como se você fizesse parte da minha rotina também. Aqui está fazendo um frio intenso, parece que é um recorde nos últimos quinze dias. Aquela viagem que fiz foi ótima, mas não pude ir naquela ilha do norte porque com o frio do inverno lá fica impossível de ir. *(longa pausa)* Deve estar nevando praqueles cantos. Neva bem perto daqui. *(longa pausa)* Ah, tem tanta novidade que eu queria te contar, mas não dá pra dizer por cartas e como a gente nunca se vê, acho que você não vai nem chegar a saber. *(pausa)* Acontece. *(pausa)* Vou te mandar algumas coisinhas daqui. São detalhes só, porque não me atrevo a mandar outras coisas, aumentar sua saudade pode ser ruim. Vai junto com a carta um caderno e algumas pulseiras que estão na moda. Não acho que aconteceu muita coisa nesse meio tempo, parece que nunca acontece. *(pausa)* A única mudança em mim é que tive umas dores e me operaram o apêndice e agora eu tenho uma cicatriz imensa na barriga e nas tripas. Acho que é hora de terminar essa carta, porque vai começar o jogo de futebol do nosso time e eu não posso perder. Você ainda vê os jogos? É ruim não saber nada de você, mas acho que saber que eu não sei é o primeiro passo pra eu saber, sabe? *(pausa)* Não sei. Um grande beijo, Carmen.

Elsa - Querida Elsa. Hola? Que tal va todo por aí? Yo ahora estoy mirando una foto tuya. Es una foto sacada aqui en Valencia, tu estas sentada en un banco, creo que fue en la ultima vez que nos vimos. Estas con un pantalon azul, una camisa blanca y un abrigo muy clarito. Y como siempre sentada con las piernas torcidas, como siempre lo haces y yo siempre te reñi tanto queriendo corregirte. Tu mirada, cabeza baja, un poco timida es la primera cosa que recuerdo. Aun la tienes asi? Creo que no, la gente suele perder esas cosas con el tiempo, no? Bueno, perdoname la demora en responderte, pero el tiempo pasa demasiado deprisa, los meses vuelan y nos quedamos atrapados en que se yo... La

semana que viene empiezan mis vacaciones y entonces podre descansar, pero decidi escribierte ahora, cansada, por que asi es como si hicieras parte de mi rutina tambien. Aqui hace ahora un frio intenso, parece que es un record en los ultimos quince dias. Aquel viaje q hice fue estupendo, pero no pude ir a la isla del norte por que con el frio del invierno parece imposible ir. Seguramente nieva por alli. Nieva muy cerca de aqui. Ah, hay tantas novedades que te podria contra, pero no se puede decir por cartas y como nunca nos vemos, creo que nunca llegaras a saber. Eso pasa. Voy a enviarte algunos recuerdos de aqui. Apenas detalhes, por que no me atrevo a enviarte otras cosas, que te hagan echarme de menos, eso puede ser malo. Junto con la carta envio un cuaderno y algunas pulseras que estan de moda por aqui. No creo que haya ocurrido muchas cosas, parece que nunca ocurre nada. Las cosas no han cambiado mucho, parece que nunca cambian. Lo unico que cambio en mi es que tuve unos dolores y entonces me operaron el apendicis y ahora tengo una cicatris enorme en la barriga y en las tripas. Creo que es hora de terminar esta carta, por que va a empezar el partido de futbol de nuestro equipo y no puedo perderlo. Aun ves el futbol? Es malo no saber nada de ti, pero creo que descubrir que yo no se es el primer paso para que lo sepa, entiendes? No lo se. Un gran beso, Carmen.

Uma música lenta soa ao fundo. Junto com ela um leve barulho do mar. Lara e Elsa começam a retirar todos os objetos que foram se acumulando no decorrer das cenas. Julia entra e começa a olhar para todo os espaços.

Julia - Nossa, como isso está...

Aquele cômodo traz algumas memórias. Algumas delas boas, outras nem tão boas e ainda outras ruins, até demais pra quem fez questão de esquecer aquilo tudo.

Julia - É tão pequeno. Ou eu... Isso está assim há quanto tempo?

Ninguém responde. As outras atrizes estão do lado de fora, olham pra ela, podem sorrir ou fazer cara de sonsas. A graça é abandonar Julia naquele espaço só consigo mesma e com suas lembranças. Elas continuam a retirar os objetos, os tablados, os cubos...

Julia - Essa é a minha primeira cena depois que fui morar sozinha. A cena acontece em um conjugado. Não tem nada. Está tudo pintado de um branco muito branco, mas mal pintado, que cobre tudo, até os azulejos do banheiro. Não tem nenhum objeto, só um armário velho cheio de cupim. Vou até a janela e dela vejo outro apartamento exatamente igual. Tudo parece geométrico. Minha mãe ajudou a arrumar as coisas. Pagamos um frete que trouxe mesa, cama, escrivaninha fogão, geladeira. A graça é que o fogão era mínimo, de duas bocas, e a geladeira um frigobar. Parece uma casa de criança, uma casa de bonecas ou a casa de um anão. Tudo pequeno, arrumado pra mim. Foi minha mãe que escolheu os lugares dos objetos, por preguiça minha, eu não quero pensar nisso agora. Morar sozinha, caraca, sozinha! Terminada a arrumação, minha mãe se foi e eu fiquei. Pela primeira vez na vida eu fiquei sozinha. Aquilo tudo é pra eu viver. Eu posso cozinhar, ver tv, dormir, comer sorvete, me masturbar, sei lá...Eu posso fazer tudo que quiser. Essa é a minha cena e eu posso fazer qualquer coisa. Agora ela vai contar alguns de seus dias. É a grande gênese da cena. O que se diz é simples, mas também profético. Enquanto ela conta alguma ação pode acontecer, como que se relacionando com o que se diz. Isso pode ser feito fora do campo da ficção pelas demais atrizes. No primeiro dia eu durmo no chão. Sem colchão, sem nada. No segundo eu arrumo tudo do meu jeito. No terceiro eu estudo. No quarto eu choro. No quinto eu chamo alguém pra transar. No sexto eu dou uma festa e no sétimo eu descanso. E tal como o outro que descansou, no dia seguinte eu vou embora daquele lugar. Volto pra minha cena antiga. Lá sou recebida com alegria, festa e sorrisos. Minha mãe me chama de filha, mas nessas palavras alguma coisa soa diferente. Tudo parece vazio. É quando eu percebo que minha verdadeira cena agora é a outra, a nova, essa daqui. Então volto pra ela e arrumo tudo pela terceira vez. Agora mesmo se alguém vier aqui, vai ver a cama semi arrumada, uma mesinha cheia de roupas usadas, a pia com alguma louça pra lavar, pouca, não muita, e no chão, no meio da cena...

B. O.

FIM